

REDES DE TROCA, MOEDA SOCIAL E ECONOMIA SOLIDARIA NA ARGENTINA: O NOVO E O VELHO

Heloisa Primavera, heloisaprimavera@gmail.com, Rio de Janeiro, Girassol No 4, outubro 2003

Muito se fala de mudança de paradigmas: o novo que esta surgindo e o velho que esta morrendo. Os que acreditamos estar construindo uma ordem social nova, sabemos que o novo e o velho costumam se misturar: pensamos novo e agimos velho, pensamos velho e, as vezes, agimos novo, quase sem querer!¹ O que fazer? Observar e, principalmente, observar-nos! Com as novas categorias de pensamento do novo paradigma, o paradigma da abundância. Os breves comentários que quero fazer aqui sao para transmitir que a experiência argentina das redes de troca foi e continua sendo muito rica, porque mostra justamente isso: *como o velho e o novo se misturam sempre* e como novos caminhos podem surgir de iniciativas tão diversas.

Para quem não sabe ou nunca viu os dados todos juntos, ai vai uma síntese brevíssima:

1. O 1º clube de trocas nasceu na Província de Buenos Aires em 1995, como uma “experiência” de um grupo de 23 pessoas, de orientação ecologista, com ideologias variadas, isto é, com propósitos múltiplos, em geral destinados, legitimamente, a atenuar os efeitos da desocupação; hoje, por declarações feitas à mídia e pelo rumo que as coisas tomaram a partir do ano 2000 (*Atenção! não é indiferente essa data!*), o que queriam mesmo era fazer negócio! Ou seja, vender um serviço a outro grupo de desempregados ou subempregados – como eles também o eram - e cobrar pelo mesmo. Tal como estava na moda aquele “marketing de multinível” de várias empresas americanas, cujo maior negócio era “construir a rede” de distribuidores e viver dos “restos” que caiam do processo coletivo.

2. Em dois anos, com a ajuda oportunista da mídia, o processo expandiu-se e alcançou a alguns milhares, em várias regiões da Grande Buenos Aires; mas o “negócio” não funcionou, porque a ideia foi apropriada por pessoas e grupos que a entenderam como uma forma de distribuir a riqueza e fez com que começassem as tensões entre grupos e lideranças que pretendiam hegemonizar a experiência total.

3. A partir de 1998, a experiência difundiu-se ao Uruguai, Brasil, Ecuador, Peru, Colômbia, Chile, Bolívia e América Central, principalmente ao redor da ideia de autogestão e autonomia dos grupos em suas atividades, mas especialmente na emissão, distribuição e controle dos instrumentos de intercâmbio, então denominados bonos, vales, não-dinheiro e, finalmente, moeda social. Os números são difíceis de calcular, mas podemos estimar em várias centenas de milhares.

4. Em julho de 2000, o grupo fundador decide centralizar as operações e recuperar a “patente” do que acreditava sua invenção, tentando difundir uma mal chamada “franquia social” que não era mais que uma apropriação do trabalho coletivo, tanto da construção das redes, como dos produtos e serviços que produziam quem não tinham o privilégio de pertencer às filas do “Banco Central”; é a etapa de diferenciação das diferentes redes solidárias e empresariais que culmina com uma quantidade de aproximadamente 6 milhões de aderentes só na Argentina. Em dezembro desse ano, um descuidado processo político faz com que o grupo fundador encontre a forma de infectar o país com papéis sem valor, numa extraordinária defasagem entre a produção e o consumo: começa o processo de “hiperinflação” e destruição da confiança nas organizações e nos instrumentos de troca.

5. A crise institucional de dezembro de 2001 encontra os milhares de clubes de troca argentinos em plena expansão suicida, com pequenos grupos copiando as “melhores práticas” dos grupos mafiosos que tentavam suas últimas manobras de apropriação do trabalho de enormes grupos de desocupados,

¹ Parece, segundo Humberto Maturana, que isso vem de uma desconexão intrínseca de nosso modo particular de “ser humano”, isto é, de nossa cabeça e de nosso corpo, de nossos pensamentos e nossas emoções, que viajam em velocidades diferentes. O espaço não dá pra falar do tema, mas quem quiser pode pedir material sobre isso (“A gazela contra-ataca”).

que ainda viam nessa iniciativa da sociedade civil uma esperança de liberação do estado deserto e do mercado neoliberal em sua etapa mais selvagem. Durante o ano de 2002, ocorrem as explosões sociais, dentro e fora dos clubes de troca, ao mesmo tempo que toman forma novas iniciativas como as assambléias populares barriais, as organizações “piqueiras” e a recuperação de fabricas falidas.

6. A partir de 2003, assistimos o renascimento das formas solidárias de clubes de trocas, ao mesmo tempo que se constata a permanecencia das redes de regioes cuja organização se fez ao mesmo tempo que a incorporação da moeda social. Começam a aparecer novas formas de economia solidaria associadas a iniciativas coletivas plural e heterogeneamente organizadas. Os fundadores aperfeiçoam seu negocio, criando uma sociedade anônima que vende um kit com notas impossíveis de falsificar. Estimam-se em umas cem mil pessoas, como mínimo, aquelas que estão se animando a re-criar a economia solidaria. Como a Ave Fênix...

Ficam as lições de como se constroi o novo e de como o velho sempre vai estar vivo. Para que saibamos andar com abertura, mas também com cautela, pensando que a construção do novo terá sempre riscos impensados, que deveremos enfrentar nessa longa caminhada que apenas está começando...